

Para a História da Arqueologia Portuguesa

Leite de Vasconcellos e a Arqueologia Transmontana

Francisco Sande Lemos*

Resumo

No contexto histórico das últimas décadas do século XIX e dos primórdios do século XX, o desenvolvimento da Arqueologia portuguesa fundamentou-se nas elites cultas da sociedade burguesa, que estabeleceram redes de comunicação, através das quais se trocavam as notícias das descobertas efectuados nos mais diversos pontos do país. Leite de Vasconcellos organizou em Trás-os-Montes uma rede de correspondentes, que publicaram no *Archeologo Português* inúmeros textos e ofereceram ao Museu de Belém, peças de grande interesse. Neste artigo recordam-se os contornos e o contexto histórico desta plataforma de cooperação entre Lisboa e o longínquo Nordeste.

Palavras-chave: J. Leite de Vasconcellos. História da Arqueologia Portuguesa.

Abstract

Portuguese Archeology, from the end of the XIX century to the begin of the next, had his roots on the bourgeoisie elites. Priests, military men, lawyers, doctors and wealthy landlords established a network to report news about the archeological sites and finds. Leite de Vasconcellos, in contact with these men, by letter, or travelling, using the railroad, organized a very strong network in Trás-os-Montes. From towns located in Trás-os-Montes, at the time a remote region, many scholars sent to the Archeólogo Português, papers about news sites and finds. These men also felt pride in donating some of the more interesting artifacts collected by them to the National Museum of Lisbon.

Key-words: J. Leite de Vasconcellos. History of Portuguese Archaeology.

* Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Pais e História da Arqueologia Portuguesa Leite de Vasconcellos e a Arqueologia Transmontana

Francisco Sá Carneiro

Resumo

No contexto histórico das últimas décadas do século XIX e dos primeiros do século XX, o desenvolvimento da Arqueologia portuguesa fundamentou-se nas elites culturais da sociedade burguesa, que estabeleceram redes de comunicação, através das quais se iniciaram as primeiras pesquisas arqueológicas. No entanto, durante o período do país, Leite de Vasconcellos organizou um grupo de investigadores, que publicaram no *Archeologia Portuguesa* os seus estudos e observações no Museu de Belém, por um grande interesse. Nesse sentido, trata-se de um trabalho de contexto histórico desta plataforma de cooperação entre Lisboa e o longínquo Nordeste.

Palavras-chave: Leite de Vasconcellos; História da Arqueologia Portuguesa.

Abstract

Portuguese Archaeology, from the end of the XIX century to the begin of the XX, had its roots on the bourgeoisie elites. Private military men, lawyers, doctors and wealthy families established a network to report news about the archaeological sites and funds. Leite de Vasconcellos, in contact with these elite, began to tell, using the network, organized a very strong network in Transmontana. From towns located in Transmontana, at the time a remote region, many reports went to the *Archeologia Portuguesa*, papers about news and funds. These reports also fed Leite de Vasconcellos in assembling some of the most interesting artifacts collected by Leite in the National Museum of Lisbon.

Key-words: Leite de Vasconcellos; History of Portuguese Archaeology.

1. Introdução

Este texto foi elaborado para ser publicado no número do Arqueólogo Português que comemorou o Centenário da fundação da Revista. Por diversos motivos não ficou pronto na devida altura.

Entretanto, a proliferação de textos sobre a História da Arqueologia justifica a sua divulgação, como mais um contributo para o tema.

Na generalidade, os artigos, ultimamente impressos, sustentam as suas teses em critérios parcelares. Um desses critérios é a presença/ausência de instituições, a eficácia do aparelho de Estado, a continuidade das políticas da Administração Central e das escolas académicas, admitindo, *a priori*, que no nosso país, na época contemporânea, se terá estabelecido um Estado, no sentido exacto da palavra.

Já no século XIX personalidades como o Marquês de Sousa Holstein, Augusto Simões, ou Estácio da Veiga, propuseram a criação de Serviços, a adopção de uma política estatal, num contexto em que, das ruínas do Antigo Regime, se sonhava erguer um Estado Moderno em Portugal, projecto que, provavelmente, nunca se concretizou¹.

De facto, tanto a Monarquia Constitucional, como a I República, enfermaram de graves debilidades estruturais. É conhecido o célebre comentário do Presidente da República (1923-1925), e notável escritor, Manuel Teixeira Gomes – “Isto, por enquanto, ainda não vai mal ... É uma questão de fósforos. Mas quando for a questão dos tabacos, o fumo há de ser muito maior”² (Lopes, 1942, p. 178). Poucos meses depois, preferiu renunciar, partindo para longo e tranquilo exílio na Argélia.

Das fraquezas dos regimes precedentes, num contexto europeu de grande turbulência, emergiu o todo poderoso “Estado Novo” que controlou a sociedade

¹ Veja-se o trajecto de Oliveira Martins, que pensou ser possível modernizar Portugal através do exercício de cargos políticos.

² Teixeira Gomes referia-se à violenta disputa política – económica pelos monopólios de produção industrial, cuja atribuição dependia do Parlamento.

portuguesa durante décadas, consolidando-se, assim, práticas que ainda hoje perduram, designadamente uma Administração Pública morosa, pouco transparente, com traços muito marcados de autoritarismo, compadrio e ineficácia. Pensamos que a palavra Estado Novo escondeu a ausência efectiva de um Estado Moderno, mascarando a arcaica ressurreição de fórmulas ditatoriais do século precedente.

O excessivo peso da Ditadura, da Autoridade Paternal, dominante na sociedade portuguesa desde a década de 30 só, recentemente, se começou a diluir.

É significativo que os arqueólogos portugueses tenham insistido, nas décadas de 70 e 80 do século XX, no projecto de criação de serviços estatais, retomando, quase *ipsis verbis*, as reivindicações dos autores do século XIX. Serviços que apenas duraram dez anos, extintos pelo capricho de um político.

E, todavia, a Arqueologia portuguesa tem sobrevivido e avançado, apesar dos escassos recursos e da sucessão de regimes. Ou seja, temos de reconhecer a força da sociedade e a vontade individuais, para além dos poderes, mais ou menos duráveis.

Recordamos, por exemplo, que o primeiro parque arqueológico português foi adquirido e organizado com dinheiros privados. Referimo-nos, obviamente, à Citânia de Briteiros.

Por outras palavras, em nosso entender o sucesso, ou fracasso, da produção científica duma época, não é mensurável pela comportamento e solidez das instituições oficiais, institutos ou universidades. É, apenas um critério, entre outros.

No século XIX contavam muito as relações pessoais, a prática epistolar, a publicação de pequenas notas, ou seja uma plataforma de contactos, ou, se quisermos, uma rede de troca de informações e de circulação de objectos. Neste sentido, talvez seja um interessante exemplo o que se passou em Trás-os-Montes no último quartel do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX.

Numa primeira fase Guimarães controla o território do Nordeste e os poucos estudiosos existentes remetem os seus textos e o material para a Sociedade Martins Sarmento. A progressiva decadência física de Martins Sarmento abriu espaço à intervenção de Leite de Vasconcellos que publicava os textos dos seus correspondentes transmontanos no *Archeólogo* e recolhia as peças no seu Museu. Por exemplo, se considerarmos os meios de comunicação do século XIX, é notável o escasso tempo que demorou entre a descoberta dos achados da *villa* da Quinta da Ribeira (Tralhariz) e a deslocação a Foz Tua de Leite de Vasconcellos, que aí foi recebido por um dos mais assíduos colaboradores do *Archeólogo*: o Coronel Albino Pereira Lopo, vindo de Bragança. A rede formada por Leite de Vasconcellos e pelos colaboradores da sua revista, os quais, por sua vez, tinham informadores locais, era, em vários aspectos, extremamente moderna.

Com o advento do Estado Novo esta rede esmoreceu e perdeu-se. O sistema criado pelo Estado Novo, com a Junta Nacional de Educação e os seus delegados concelhios, teve uma eficácia variável, mas ficou muito aquém da rede de comunicação do século XIX.

Ainda hoje, são mais importantes as plataformas de comunicação, as redes, do que as instituições e as escolas. Veja-se o que sucedeu com a Escola de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa e que teve uma produção irregular ao longo do século. As instituições emanam de um Diário da República e

são extintas por outro. A evolução das Escolas dependem em muito do perfil dos professores catedráticos.

Os investigadores, neste caso os arqueólogos, sobrevivem e lutam, uns por emotividade, outras porque é essa a sua condição de ser. A complexa teia de contactos que se estabelecem entre pessoas, as publicações que se imprimem, a regularidade das revistas, o tempo de difusão das descobertas, estes sim são os primeiros indicadores do estado da disciplina.

2. Leite de Vasconcellos e o Nordeste Transmontano

A biografia de Leite de Vasconcellos foi tema de numerosos textos, artigos ou notícias. Como se sabe Leite de Vasconcellos, licenciado em Medicina pela Universidade do Porto, desde cedo se interessou pelos estudos filológicos. Não admira, pois, que uma das suas primeiras incursões científicas tenha sido à remota Terra de Miranda, no ano de 1883, ainda estudante, aproveitando a oportunidade de um seu condiscípulo ser natural da aldeia de Duas Igrejas. Por essa altura, o comboio quedava-se pelo Pinhão. Daqui seguiram em diligência (via Favaio, Alijó, Murça e Mirandela) até Macedo de Cavaleiros, onde pernottaram. Depois, em dorso de burro, cruzaram os vales do Sabor, Angueira e Maças, por Matela, Campo de Vímoras e S. Pedro da Silva, alcançando, finalmente, Duas Igrejas. No ano seguinte (1884) a viagem foi mais dilatada, visitando as seguintes aldeias, vilas ou cidades: Santa Comba, Parada, Bragança, Carregosa, Zeive, Mofreita, Aveleda, Soutelo, Montezinho, Portelo, Varge, Rio de Onor, Guadramil, Deilão, Rio Frio, Quintanilha, Vale de Frades, Avelanoso, S. Martinho de Angueira, Especiosa e Genísio, para depois estacionar novamente em Duas Igrejas.

O seu principal objectivo era o estudo do dialecto mirandês e dos falares raianos, mas pela lista dos locais que visitou pode imaginar-se como adquiriu, paralelamente, um bom conhecimento das paisagens e das gentes do Nordeste.

Poucos anos depois, em 1887, a Arqueologia transmontana dava os seus primeiros passos com as escavações realizadas na Torre Velha de Castro de Avelãs (Bragança) por Henrique Pinheiro (1835-1904) e o estudo das grutas de Santo Adrião (S. Pedro da Silva – Miranda do Douro) por Joaquim Nery Delgado (1835-1908), trabalhos curiosamente efectuados no mesmo ano.

Henrique Pinheiro, professor do Liceu de Bragança, era patrocinado e financiado por Francisco Martins Sarmento. Guimarães tinha, então, o estatuto de verdadeira capital arqueológica do Norte. A Conferência de 1877 (Lemos, 1985), a visita à Citânia dos Congressistas de 1880 (Lemos, 1988), o lançamento da Revista de Guimarães em 1884 tiveram um eco extraordinário em todo o país. Nas palavras de R. Virchow (1821-1902), médico patologista, professor da Universidade de Berlim e político liberal alemão, F. Martins Sarmento seria o Schliemann português. Não surpreende, portanto, a sua influência no longínquo Nordeste. Posteriormente, sempre com o patrocínio do mecenas vimarense, a actividade de Henrique Pinheiro alargou-se ao estudo da Mamoa de Donai (1892), tendo ainda publicado um extenso texto sobre a rede viária romana entre *Bracara Augusta* e *Asturica*, por *Aquae Flaviae* (1895).

Quanto à expedição de Nery Delgado, enquadrava-se no âmbito dos trabalhos da Comissão Geológica. A viagem às grutas de Santo Adrião (Miranda do

Douro) pretendia, em primeiro lugar, avaliar o interesse económico dos alabastros e mármore. Os seus amplos conhecimentos de Arqueologia permitiram-lhe detectar a ocupação das grutas, no período calcolítico, e registar o aproveitamento do mármore, na época romana.

Todavia, estas primeiras incursões na Pré-história e na Arqueologia Clássica transmontanas não tiveram continuidade.

Os interesses da Comissão Geológica eram muito diversificados e Nery Delgado nunca realizou escavações alargadas nas grutas do planalto mirandês. Por outro lado, ao longo da década de 90, Francisco Martins Sarmento é atingido por uma doença gastrointestinal que o debilita progressivamente. Embora continuasse a dedicar a sua atenção à Arqueologia, com o declínio da sua saúde física esmorece a importância de Guimarães, como capital da Arqueologia nortenha.

O vazio resultante pode verificar-se com facilidade. No final do século apenas dois escassos artigos sobre a Arqueologia de Trás-os-Montes saíam a lume, na *Revista de Guimarães*.

Entretanto, em 1893 é fundado o Museu Ethnológico de Lisboa e em 1895 é impresso o primeiro número do *Archeólogo Português*. O seu director não só tem uma perspectiva ampla do território português, como também conhece, directamente, os locais e as pessoas.

Não admira, pois que a nova revista inclua, logo no primeiro número, notícias de descobertas e achados, ocorridos no Nordeste Transmontano. O interesse pelo passado continuava vivo em terras de Bragança e Vila Real. Nos números subsequentes aumenta a contribuição dos nordestinos, criando-se uma notável rede de correspondentes regionais, ou concelhios. De facto, entre sacerdotes, militares, professores, magistrados, médicos e ricos proprietários, ou seja no quadro de uma elite dispersa pelas cidades e vilas transmontanas, tinham-se multiplicado os eruditos e curiosos, que ora visitavam um sítio conhecido do povo pela sua antiguidade, ora, semanas ou meses depois, se deslocavam para registar o achado de uma epígrafe, ou de qualquer outro espólio.

É importante citar os nomes desses colaboradores permanentes do *Archeólogo Português*, tanto mais que, muitas vezes, são as primeiras referências bibliográficas de numerosos monumentos e sítios.

Henrique Botelho, sediado em Vila Real, dirige a sua atenção para os concelhos de Alijó, Vila Pouca de Aguiar e Vila Real. Divulga inúmeros *tumuli*, efectuando, aliás, um bom estudo cartográfico dos monumentos megalíticos de Alijó e do extremo sudeste de concelho de Vila Pouca de Aguiar. Regista, também, importantes achados relacionados com a romanização dos territórios da área de Panóias e do couto mineiro (*territorium metallorum*) de Jales. Metodicamente, envia para o Museu Etnológico peças do maior interesse: machados de pedra polida e de bronze, jóias proto-históricas e espólio romano.

Em Trás-os-Montes Ocidental outros colaboradores do *Archeólogo Português* eram os padres Rafael Rodrigues, o qual divulgou a célebre necrópole megalítica do Alvão (ver bibliografia), muito afectada pela florestação dos anos 40 e 50 do século XX, bem como José Joaquim Rodrigues Costa (de Vila Pouca de Aguiar) e José Isidro Brenha (de Chaves).

De Montalegre, Fernando Barreiros Braga envia para a revista o esboço de uma primeira carta arqueológica do concelho (ver bibliografia) e, em Ribeira de Pena, Mário Meneses redige um interessante artigo (ver bibliografia) sobre as antiguidades do concelho onde exercia a sua profissão de médico.

Em Trás-os-Montes Oriental eram vários os colaboradores do *Archeólogo Português*.

Recordamos o Major Celestino Beça (1848-1910) que apenas publicou três pequenas notas, mas que contribuiu para as colecções do Museu, oferecendo vários exemplares de fibulas, recolhidas em castros do concelho de Vinhais, espaço onde estudou em pormenor o traçado norte, entre Rebordelo e Castro de Avelãs, da via romana que ligava *Aquae Flaviae* a *Asturica Augusta*.

Também residente em Bragança destaca-se o Coronel Albino Pereira Lopo (1860-1937), fundador do Museu Municipal da cidade em 1897 e que foi, talvez, o mais profícuo colaborador transmontano do *Arqueólogo Português* (ver a sua extensa bibliografia). Principiou a sua colaboração em 1896, no segundo ano da revista, remetendo artigos e notas com regular assiduidade até 1911, embora o seu último contributo date de 1919/1920. Ao todo assinou 52 textos, mais ou menos longos³. É possível que o volume de textos de Pereira Lopo, decorra da sua proeminência regional, como Director do Museu de Bragança, para o qual eram remetidas informações e peças de grande parte dos concelhos do Distrito.

Se assim fosse teríamos o esboço de uma rede museológica, pelo menos no domínio da troca de informação. De facto, Leite de Vasconcellos, por vezes, acrescentava aos artigos dos seus colaboradores, pequenas notas, corrigindo a leitura de uma epígrafe, ou juntando esclarecimentos complementares sobre o significado arqueológico de uma determinada peça. Por outro lado, alguns dos nomes que recordamos não escreveram artigos impressos no *Arqueólogo Português*. Enviavam fotografias de uma epígrafe, ou de um monumento, a pedido do Director da Revista, que as publicava com os comentários que considerava oportuno.

Outro colaborador, residente na Terra Fria bragança, era o Abade de Baçal (ver a bibliografia), que nas primeiras décadas do século XX iria publicar as célebres *Memórias Arqueológicas-Históricas do Distrito de Bragança*.

Ainda na Terra Fria, no extremo nordeste, Leite de Vasconcellos correspondia-se com o Reverendo José Bernardo de Moraes Calado, Cónego Prior da Sé de Miranda do Douro.

Na Terra Quente, não faltavam os contactos fiéis.

Em Valpaços o advogado Castro Lopo, que apenas publicou dois textos (ver bibliografia). No extremo sudeste o padre Adriano Guerra (Torre de Moncorvo) e o Abade Tavares (1868-1935), pároco de Carviçais. O Abade Tavares foi pioneiro dos estudos arqueológicos no concelho de Torre de Moncorvo (ver bibliografia). Ofereceu ao Museu de Belém o célebre conjunto de esculturas zoomórficas do Olival dos Berrões (Cabanas de Baixo), bem como a lápide dos Banienses e a dos *Seurri*. Paralelamente, pretendia organizar um Museu em Torre de Moncorvo, ideia que mereceu diversos textos de incentivo, subscritos por Leite de Vasconcellos, mas que nunca se concretizou. A colecção que reuniu está no Seminário Maior de Bragança, ainda por estudar.

Ao todo estes estudiosos publicaram, na 1.^a série do *Arqueólogo Português*, entre 1895 e 1926 cerca de 80 artigos e notas. Diga-se, em abono da verdade,

³ Supomos que este texto terá enviado em data anterior. De facto entre 1911 e 1915, em data que não conseguimos apurar, o Coronel sofreu um grave acidente de saúde que o deixou prostrado no leito. Em 1915, a propósito da sua estadia em Bragança, Leite de Vasconcellos refere-se a Pereira Lopo de forma muito vaga, como a alguém já retirado.

que quase dois terços desses textos foram assinados pelo Coronel Pereira Lopo. Entre os restantes, Henrique Botelho, o Abade Tavares e o Abade de Baçal foram os colaboradores mais assíduos. A contribuição do Abade de Baçal seria, por certo, muito maior, caso não tivesse escolhido a fórmula dos volumes memoriais para registar os dados recolhidos.

Convém sublinhar que, frequentemente, os textos enviados para o Arqueólogo Português eram reproduzidos na Imprensa regional, atraindo a atenção de curiosos locais e a afluência de mais notícias sobre novas descobertas.

Ou seja, a rede de colaboradores do Arqueólogo Português assentava, por sua vez, numa malha de solícitos curiosos distribuídos por inúmeras vilas e aldeias.

A ligação entre Leite de Vasconcellos e os seus correspondentes não foi apenas epistolar, ou através das páginas do *Archeólogo Português*. Consolidou-se em frequentes deslocações a Trás-os-Montes.

Por exemplo, em 1900 lá estava o Coronel Albino Pereira Lopo à sua espera na estação dos Caminhos de Ferro da Foz do Tua, para irem visitar as recém-descobertas ruínas romanas da Quinta da Ribeira, Tralhariz (concelho de Carrazeda de Ancião). No regresso a Lisboa o director do Museu de Belém trouxe consigo pedaços de estuque pintados e de mosaicos, fragmentos de cerâmica importada e comum.

Outro exemplo: muitos anos depois, em 1915, quando se deslocou a Trás-os-Montes, para realizar exames liceais em Chaves e Bragança, permaneceu um dia em Valpaços, graças à hospitalidade de Castro Lopo.

Temos registo de outras deslocações de Leite de Vasconcellos ao Norte Interior: em 1895 a Vila Pouca de Aguiar; em 1896 a Carrazeda de Ancião, em 1897 a Vilarinho da Castanheira; em 1902 e 1903 a Miranda do Douro⁴. Neste concelho visitou, pelo menos, o Castrilhinho de Vale d'Águia e o povoado do Raio, ambos situados sobre as arribas do rio Douro.

Talvez seja injusto afirmar, como tem acontecido, que Leite de Vasconcellos se movia sobretudo pela ânsia de enriquecer o seu museu de Lisboa. De facto, escreveu diversos artigos a estimular a criação de museus locais, quer em Vila Real, quer em Bragança, quer em Torre de Moncorvo (Vasconcellos, 1895, p. 175-177; 1897, p. 48-58; 1898, p. 153-155; 1902, p. 283-284; 1916, p. 344-345). Se apenas vingou o Museu de Bragança e outros projectos fracassaram foi por motivos locais, alheios à sua vontade. Por outro lado, Leite de Vasconcellos embora nunca tivesse esboçado uma síntese regional da Arqueologia Transmontana, por motivos que desconhecemos, inseriu os principais elementos recolhidos pelos seus colaboradores no seu trabalho de conjunto, as *Religiões da Lusitânia*.

Aliás, na época não havia o espírito possessivo das colecções museológicas. Durante as suas viagens pela Europa, o director do Museu de Belém, recebeu ofertas dos seus colegas franceses e suíços: peças da célebre gruta de La Madeleine; utensílios das conhecidas aldeias lacustres do Lago Lemán.

É verdade que tanto Leite de Vasconcellos, como os seus colaboradores, tinham uma perspectiva nacionalista, sendo frequente o termo luso-romano

⁴ Não é um inventário exaustivo das deslocações de Leite de Vasconcellos ao Nordeste. Apenas pretendemos demonstrar o seu conhecimento do território, aspecto relevante para a gestão da rede.

(que curiosamente nunca vingou na bibliografia arqueológica portuguesa). Mas, não é menos certo que, em última instância, consideravam a ciência como estando para além dos conflitos nacionais, embora estivessem empenhados na reconstrução de um território sobre o qual pouco se sabia, apesar dos ensaios dos antiquários dos séculos XVI, XVII e XVIII.

Leite de Vasconcellos, tal como os seus correspondentes, prosseguia um projecto de raízes românticas, cujas sementes foram lançadas por Almeida Garrett e Alexandre Herculano, aprofundadas pela geração de 70 (vejam-se, por exemplo, as obras de Alberto Sampaio ou de Oliveira Martins, ou ainda trechos de livros de Eça de Queirós), projecto facilitado pelas infra-estruturas construídas no Fontismo.

A meta era a descoberta e reconstrução (científica e pedagógica) da Terra e do Homem Português e dos seus remotos ancestrais, enfim restaurar a Pátria, recuperando a sua história e território (vejam-se os títulos das revistas da época *Terra Portuguesa*; *Portugalia*; *Archeólogo Português*; *Lusitânia*). Pretendia-se, assim, retomar o espírito da Nação que a Casa de Bragança não lograra restaurar de uma forma duradoura e profunda.

Embora tanto o etnólogo-arqueólogo, como os seus colaboradores, se lamentassem, e com razão, da falta de apoio do Regime Liberal e do abandono a que estavam votados os monumentos, não há dúvida que formavam uma elite cultural, que se reconhecia como construtora de novos saberes. Organizavam colecções públicas, ou privadas, de artefactos arqueológicos e etnológicos. Colaboravam com assiduidade nos periódicos regionais e nacionais.

As “excursões” arqueológicas, a prática epistolar, a oferta de artefactos, os textos reproduzidos nas revistas científicas e nos periódicos locais, o reconhecimento público pelo valor da palavra impressa, revelam uma burguesia culta, praticando a cordialidade, numa estreita relação entre os investigadores, os sacerdotes, os militares, os médicos, os juristas e os professores. Este espírito prosperou à sombra do Rotativismo e atravessou incólume a queda da casa de Bragança (desejada aliás por muitos monárquicos a julgar por diversos trechos das Memórias de Raul Brandão), mantendo-se durante os breves anos da I República.

Leite de Vasconcellos actuou como elemento dinamizador da sociedade civil, em que pontificava essa burguesia letrada e educada, normalmente com posses, perfeitamente integrada no contexto do auge da “Belle-Époque”.

No entanto, apesar das boas maneiras da burguesia, houve pequenos conflitos, a nível regional ou nacional. Os laços estabelecidos entre Leite de Vasconcellos e os estudiosos transmontanos suscitaram reacções, das quais a mais destacada foi a do grupo da *Portugalia*, sediado no Porto, cujos elementos também dispunham de algumas pontes em Trás-os-Montes, mas que não tiveram força suficiente para abalar o “magistério” do director do Museu de Lisboa.

Na errada leitura evolucionista, que adoptámos no capítulo da tese dedicada à História da Arqueologia Transmontana (Lemos, 1993) considerámos esta fase como uma etapa no percurso da História da Arqueologia Portuguesa.

Na verdade o universo criado por Carlos Ribeiro, Estácio da Veiga, Francisco Martins Sarmento, Alberto Sampaio, Leite de Vasconcellos, bem como pelo grupo da *Portugalia* e por tantos outros, extinguiu-se nos anos 20, sem continuidade, salvo trajectos individuais muito específicos, como é o do Abade de Baçal.

Os referenciais românticos, positivistas e nacionalistas e mesmo as perspectivas modernas, que já se desenhavam em diversos textos, foram arrastados e submersos pela ostensiva manipulação ideológica do saber, pelas patologias dos anos 30 e 40 que, no nosso país se prolongaram, embora sob uma forma benigna, para além da II Guerra Mundial.

3. Considerações finais

A plataforma de comunicação laboriosamente construída pelos eruditos oitocentistas, esta rede de troca de informação e saber, vai dissolver-se nos anos cinzentos do Estado Novo. É certo que, se percorrermos os inúmeros processos da Junta Nacional da Educação e da Direcção – Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, também aí vamos encontrar inúmera informação. Todavia essa massa informativa possui um cariz quase burocrático e ainda hoje continua indisponível, fechada em processos, em arquivos, mais ou menos mortos, enquanto o Arqueólogo Português pode ser consultado em muitas bibliotecas da Europa e de outros continentes.

Embora o Estado Novo, talvez inspirado na rede pré-existente, tenha criado os delegados concelhios da J.N.E., está por avaliar a sua real eficácia.

A primeira série do *Archeólogo Português*, as décadas entre os anos 80 do século XIX e a segunda década da centúria seguinte, não expressam apenas uma época quase mítica, dissolvida no tempo.

Deixou um legado institucional, teórico e informativo. Veja-se a força da “galáxia” cognitiva designada Cultura Castreja, que nasceu em Guimarães, ao abrigo da Citânia de Briteiros, mitologia que resistiu, incólume, aos ataques da Arqueologia processualista e às novas tendências desconstrucionistas.

Por outro lado, os objectos que os eruditos do século XIX recolhiam e, muitas vezes, ofereciam ao Museu de Belém, constituem preciosos indicadores para os trabalhos académicos que se multiplicaram nestes últimos anos. As abundantes referências ao local dos achados, permitem, como pudemos verificar em Trás-os-Montes Oriental (Lemos, 1993), cartografar e datar os sítios, bem como enquadrá-los em estudos de âmbito regional sincrónico ou diacrónico.

Hoje, que pretendemos regressar ao território, conservando e estudando a diversidade das unidades espaço-tempo que o integram, talvez com o nobre intuito de recuperar memórias, mas, também, para atenuar a fractura litoral – interior, hoje, quando se afirma que o passado se escreve no presente, não é inútil recordar os arqueólogos que nos precederam e as soluções que encontraram para estudar e inventariar o património.

Bibliografia

- ALVES, F. M. (1907) - O Castro de Sacóias. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 12, p. 257-271.
- ALVES, F. M. (1908) - Algumas Antiguidades de Bragança. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 13, p. 56-66.
- ALVES, F. M. (1908a) - Monumento Inédito ao Deus Aerno. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 13, p. 184-186.
- ALVES, F. M. (1910) - Epigraphia Bragançana. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 15, p. 1-5.
- ALVES, F. M. (1915) - Estudos Arqueológicos do Major Celestino Beça. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 20, p. 74-106.
- ALVES, F. M. (1916) - Epigrafia Bragançana. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 21, p. 145-150.
- ALVES, F. M. (1916a) - Pedras Baloçantes. Adagiários, Castros e Lendas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 21, p. 214-220.
- ALVES, F. M. (1918) - Arqueologia Transmontana. O Castro de Sacóias. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 23, p. 317-321.
- BARREIROS, F. B. (1915) - Ensaio de inventário dos castros do concelho de Montalegre. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 20, p. 211-213.
- BEÇA, C. (1902) - Trituradores de Pedra. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 7, p. 309.
- BEÇA, C. (1904) - Antighalhas Transmontanas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 10, p. 106-107.
- BEÇA, C. (1904a) - Notícias Arqueológicas do Norte de Trás-os-Montes. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 9, p. 35-36.
- BEÇA, C. (1915) - Estudos Arqueológicos do Major Celestino Beça. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 20, p. 74-106.
- BOTELHO, H. (1896) - Antas e castros do concelho de Alijó. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 2, p. 264-266.
- BOTELHO, H. (1897) - Antiguidades de Trás-os-Montes. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 3, p. 69-72.
- BOTELHO, H. (1898) - Antas do concelho de Alijó. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 4, p. 180-192.
- BOTELHO, H. (1902) - Archeologia de Trás-os-Montes. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 7, p. 149-155.
- BOTELHO, H. (1907) - Numismática e Archeologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 12, p. 23-31.
- BOTELHO, H. (1910) - Archeologia de Trás-os-Montes. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 15, p. 83-86.
- CRUZ, B. (1897) - Museu Municipal de Bragança. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 3, p. 99-100.
- CRUZ, B. (1897) - Museu Municipal de Bragança. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 3, p. 155-156.
- CRUZ, B. (1897) - Museu Municipal de Bragança. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 3, p. 244.
- CRUZ, B. (1898) - Notícias várias. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 4, p. 253-256.
- CRUZ, B. (1898a) - Notícias várias. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 4, p. 274-276.
- DELGADO, J. N. (1888) - Reconhecimento científico dos jazigos de Mármore e de Alabastro de Santo Adrião e das grutas compreendidas nos mesmos jazigos. *Comunicações da Comissão de Trabalhos Geológicos*. Lisboa. S. 1, 2, p. 45-56.

- LEMOS, F. S. (1985) – A Conferência de 1877 na Citânia de Briteiros. *Cadernos de Arqueologia*. Braga. S. 2, 2, p.195-214.
- LEMOS, F. S. (1988) – A Excursão ao Norte do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas – 1980. *Forum*. Braga. 4, p. 42-56.
- LEMOS, F. S. (1993) – *O Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental*. Braga. Universidade do Minho: (Dissertação de Doutoramento).
- LOPES, N. (1942) – *O exilado de Bougie. Perfil de Teixeira Gomes*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira.
- LOPO, Albino Pereira; VASCONCELLOS, J. L. (1997) – Lápide romana. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 3, p. 192-193.
- LOPO, Albino Pereira (1896) – A Brigantia. *O Norte Transmontano*. Bragança. 83.
- LOPO, Albino Pereira (1896a) – Inscrição de uma casa em Bragança. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 2, p. 287-288.
- LOPO, Albino Pereira (1897) – A Brigantia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 3, p. 245-246.
- LOPO, Albino Pereira (1897a) – Notícias de Lamalonga. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 3, p. 287-288.
- LOPO, Albino Pereira (1897b) – Miranda Archeologica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 3, p. 212-213.
- LOPO, Albino Pereira (1897c) – Lápide romana de Babe. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 3, p. 223-224.
- LOPO, Albino Pereira (1897d) – Uma lápide do Castello de Oleiros de Bemposta (Mogadouro). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 3, p. 72-73.
- LOPO, Albino Pereira (1897e) – Duas povoações mortas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 3, p. 148-149.
- LOPO, Albino Pereira (1897f) – O “Castello” de Rebordões. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 3, p. 115-117.
- LOPO, Albino Pereira (1897g) – Lápide Romana. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 3, p. 192.
- LOPO, Albino Pereira (1897h) – A Torre de Menagem de Bragança. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 3, p. 125-126.
- LOPO, Albino Pereira A. P. (1897i) – O Túmulo do Conde de Ariães. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 3, p. 182-187.
- LOPO, Albino Pereira (1897j) – As ruínas da Devesa da Villa Nova. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 3, p.127-128.
- LOPO, Albino Pereira (1898) – Atalaia da Candaia, em Bragança. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 4, p. 76-78.
- LOPO, Albino Pereira (1898a) – Vestígios archeológicos de Babe. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 4, p. 340-343.
- LOPO, Albino Pereira (1898b) – As fortificações de Rabal (Bragança). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 4, p. 87-88.
- LOPO, Albino Pereira (1898c) – Cimo da Villa de Castanheira (Concelho de Chaves). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 4, p. 312-314.
- LOPO, Albino Pereira (1898d) – Castro de Sacóias (Bragança). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 4, p. 47-48.
- LOPO, Albino Pereira (1898-1899) – Bragança e Bemquerença. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa. 3-4. Separata.
- LOPO, Albino Pereira (1900) – Archeologia Transmontana. Lamas de Orelhão – A inscrição de Escovaes. – Serra de Santa Comba. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 5, p. 290-295.
- LOPO, Albino Pereira (1900a) – Aula de Archeologia no Seminário Diocesano de

- Bragança. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 5, p. 44-47.
- LOPO, Albino Pereira (1900b) - S. Juzenda. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 5, p. 114-115.
- LOPO, Albino Pereira (1900c) - Torre de D. Chama. Ruínas de S. Braz. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 5, p. 279-280.
- LOPO, Albino Pereira (1900d) - Picote (Miranda do Douro). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 5, p. 143-145.
- LOPO, Albino Pereira A. P. (1900e) - Museu Municipal de Bragança. Esclarecimento. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 5, p. 79.
- LOPO, Albino Pereira (1900f) - Museu Municipal de Bragança. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 5, p. 336-337.
- LOPO, Albino Pereira (1900g) - Gimonde. Ruínas - Um marco miliário. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 5, p. 136-138.
- LOPO, Albino Pereira (1900h) - Estevaes do Mogadouro. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 5, p. 249-253.
- LOPO, Albino Pereira (1900i) - Elementos para a solução de um problema archeológico. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 5, p. 184-187.
- LOPO, Albino Pereira (1900j) - O Castro de Samil e as cavernas de S. Lourenço. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 5, p. 105-107.
- LOPO, Albino Pereira (1900l) - O Castro de Lombeiro de Maquieiros em Gondesende (Bragança). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 5, p. 14-16.
- LOPO, Albino Pereira (1901) - Archeologia Transmontana. Um castro - S. Claudio - Um miliário - Uma via romana. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 6, p. 146-150.
- LOPO, Albino Pereira (1901a) - Museu Municipal de Bragança. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 6, p. 95-98.
- LOPO, Albino Pereira (1901b) - Arqueologia Bragançana. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 6, p. 146-156.
- LOPO, Albino Pereira (1902) - Picote (Miranda do Douro). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 7, p. 57.
- LOPO, Albino Pereira (1902a) - O Cerro de Penhas Juntas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 7, p. 101-102.
- LOPO, Albino Pereira (1902b) - O Alto do Carocedo, ou Carrocedo. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 7, p. 70-74.
- LOPO, Albino Pereira (1902c) - Notas e Considerações sobre Bragança. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 7, p. 14-17.
- LOPO, Albino Pereira (1903) - Archeologia do distrito de Bragança. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 8, p. 250-255.
- LOPO, Albino Pereira (1905) - Fraga da "Moura" em Villa Nova da Torre de D. Chama. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 10, p. 239-241.
- LOPO, Albino Pereira (1906) - Vestígios romanos em Bragança. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 11, p. 83-84.
- LOPO, Albino Pereira (1907) - Antiguidades Transmontanas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 12, p. 307-310.
- LOPO, Albino Pereira (1907a) - Dois miliários inéditos. Trajecto, em território português, de uma via romana de Chaves a Astorga. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 12, p. 162-164.
- LOPO, Albino Pereira (1908) - Antiguidades Transmontanas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 13, p. 248-252.
- LOPO, Albino Pereira (1908a) - Villa Nova de S. Jorge (Bragança). Uma curiosa lápide inédita. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 13, p. 313-314.

- LOPO, Albino Pereira (1908b) - Notícias epigráficas. Inscricção de Miranda do Douro. *Portugália*. Porto. S. 1, 2, p. 289.
- LOPO, Albino Pereira (1908b) - Inscricções brigantinas. *Portugália*. Porto. S. 1, 2, p. 127.
- LOPO, Albino Pereira A. P. (1909) - As ruínas da Devesa da Villa Nova. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 14, p. 51-55.
- LOPO, Albino Pereira (1910) - Notícias archeologicas e lendárias das margens do Sabor. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 15, p. 317-321.
- LOPO, Albino Pereira (1910a) - Uma jornada archeologica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 15, p. 328-333.
- LOPO, Albino Pereira (1911) - Uma excursão archeologica a Róios. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 16, p. 48-51.
- LOPO, Albino Pereira (1911a) - Uma estação archeologica em Mirandella. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 16, p. 96-100.
- LOPO, Albino Pereira (1920) - Um monumento funerário de Pinhovelo, concelho de Macedo de Cavaleiros. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 24, p. 240-241.
- LOPO, Albino Pereira (1987) - *Apointamentos Arqueológicos*. Braga: IPPC.
- LOPO, Albino Pereira [S. d.] - *Monumentos Militares do Norte*. (Manuscrito Inédito).
- LOPO, Joaquim de Castro (1895) - Excursão a Torre de D.Chama. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 1, p. 232-237.
- LOPO, J. C. (1900) - Notícias várias. Dois enigmas epigráficos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 5, p. 167.
- LOPO, J. C. (1954) - *O Concelho de Valpaços*. Lourenço Marques: [s.n.] 105 p.
- MENESES, M. (1925-1926) - Notícias arqueológicas do concelho de Ribeira de Pena. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 27, p. 29-48.
- PINHEIRO, J. H. (1888) - Relatório sobre as ruínas romanas descobertas junto da povoação de Castro de Avellas no mês de Fevereiro de 1887, e sobre o reconhecimento que nas ... *Revista de Guimarães*. Guimarães. 5:2, p. 72-96.
- PINHEIRO, J. H. (1889) - Duas inscrições romanas inéditas. *Revista de Guimarães*. Guimarães 6:2, p. 53-57.
- PINHEIRO, J. H. (1895) - *Estudo da Estrada Militar Romana entre Braga e Astorga ...* Porto.
- SEVERO, R. (1903) - Notícia da estação romana na Quinta da Ribeira em Tralhariz. *Portugália*. Porto. 1, p. 391-398.
- SEVERO, R. (1908) - O Castro de Vilarinho das Cotas. *Portugália*. Porto. 2, p. 263-269.
- SEVERO, R. (1908) - O thesouro de Lebução. *Portugália*. Porto. 2, p. 1-14.
- RODRIGUES, R. - Dolmens ou antas de Vila Pouca de Aguiar. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 36-37, p. 346-352.
- TAVARES, J. A. (1895) - Archeologia do distrito de Braganca. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 1, p. 107-109.
- TAVARES, J. A. (1895a) - Archeologia do distrito de Braganca. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 1, p. 126-129.
- TAVARES, J. A. (1902) - Machados de Pedra. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 7, p. 273-275.
- TAVARES, J. A. (1903) - Inscricção romana inédita. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 8, p. 156-157.
- TAVARES, J. A. (1922) - Colecção archeológica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 25, p. 128-133.
- VASCONCELLOS, J. L. (1887/89) - Inscricções luso-romanas. *Revista Lusitana*. Porto. 1.

- VASCONCELLOS, J. L. (1889) - Anacleto
Archeológica. *Revista Archeologica e
Histórica*. 3, p.177-179.
- VASCONCELLOS, J. L. (1895) - Inscrição
romana de Villarandelo. *O Arqueólogo
Português*. Lisboa. S. 1, 1, p. 118-120 e 337.
- VASCONCELLOS, J. L. (1895a) - Museu
Archeológico em Moncorvo. *O Arqueólogo
Português*. Lisboa. S. 1, 1, p. 175-176.
- VASCONCELLOS, J. L. (1895b) - Notícia de
antigualhas da Terra de Miranda no século
XVIII. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1,
1, p. 11-12.
- VASCONCELLOS, J. L. (1896) - Inscrição
romana de Moncorvo. *O Arqueólogo
Português*. Lisboa. S. 1, 2, p. 134-135,
168-172.
- VASCONCELLOS, J. L. (1896a) - Uma notícia
archeológica. Castro de Avellãs. *O Arqueólogo
Português*. Lisboa. S. 1 2, p. 285-287.
- VASCONCELLOS, J. L. (1896b) - Ruínas de S.
Mamede (Vimioso). *O Arqueólogo Português*.
Lisboa. S. 1, 2, p. 229-300.
- VASCONCELLOS, J. L. (1897) - Dolmen de
Vilarinho. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S.
1, 3, p. 168-169.
- VASCONCELLOS, J. L. (1897a) - Museu
Municipal de Bragança. *O Arqueólogo
Português*. Lisboa. S. 1, 3, p. 48-58.
- VASCONCELLOS, J. L. (1898) - Circular do
Reverendíssimo Bispo de Bragança sobre
Archeologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa.
S. 1, 3, p. 58-62.
- VASCONCELLOS, J. L. (1898) - Museu
Municipal de Bragança. *O Arqueólogo
Português*. Lisboa. S. 1, 4, p. 153-155.
- VASCONCELLOS, J. L. (1900) - Estação
romana da Ribeira (Tralhariz). *O Arqueólogo
Português*. Lisboa. S. 1, 5, p. 193-201.
- VASCONCELLOS, J. L. (1901) - Notas
Epigráficas. *O Arqueólogo Português*.
Lisboa. S. 1, 6, p. 133-134.
- VASCONCELLOS, J. L. (1902) - Notícias
várias. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1,
7, p. 282-288.
- VASCONCELLOS, J. L. (1903) - Antiguidades
do concelho de Miranda do Douro.
O Arqueólogo Português. Lisboa. S. 1, 8,
p. 79-83.
- VASCONCELLOS, J. L. (1905) - *Religiões da
Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. 2
- VASCONCELLOS, J. L. (1910) - Anacleto
archeológica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa.
S. 1, 15, p. 321-328.
- VASCONCELLOS, J. L. (1910a) - Esculturas
do Museu Ethnológico Portugues. *O
Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1 15,
p. 31-39.
- VASCONCELLOS, J. L. (1916) - Coisas Velhas.
O Arqueólogo Português. Lisboa. S. 1, 21,
p. 107-169.
- VASCONCELLOS, J. L. (1916a) - Miscelânea
Archeológica. *O Arqueólogo Português*.
Lisboa. S. 1, 21, p. 4343-363.
- VASCONCELLOS, J. L. (1916b) - Por
Trás-os-Montes. *O Arqueólogo Português*.
Lisboa. S. 1, 21, p. 1-53.
- VASCONCELLOS, J. L. (1918) - Coisas Velhas.
O Arqueólogo Português. Lisboa. S. 1, 23,
p. 356-369.
- VASCONCELLOS, J. L. (1920) - Coisas Velhas.
O Arqueólogo Português. Lisboa. S. 1, 24,
p. 215-237.
- VASCONCELLOS, J. L. (1929) - Epigrafia do
Museu Etnológico (Belém) - Inscrições
Romanas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa.
S. 1, 28, p. 209-227.
- VASCONCELLOS, J. L. (1933) - Os Seurros,
povo pre-romano d'aquém e d'além Minho.
O Arqueólogo Português. Lisboa. S. 1, 29,
p. 157-163.
- VASCONCELLOS, J. L. (1938) - Miscelanea II.
O Arqueólogo Português. Lisboa. S. 1, 30,
p. 181-186.

